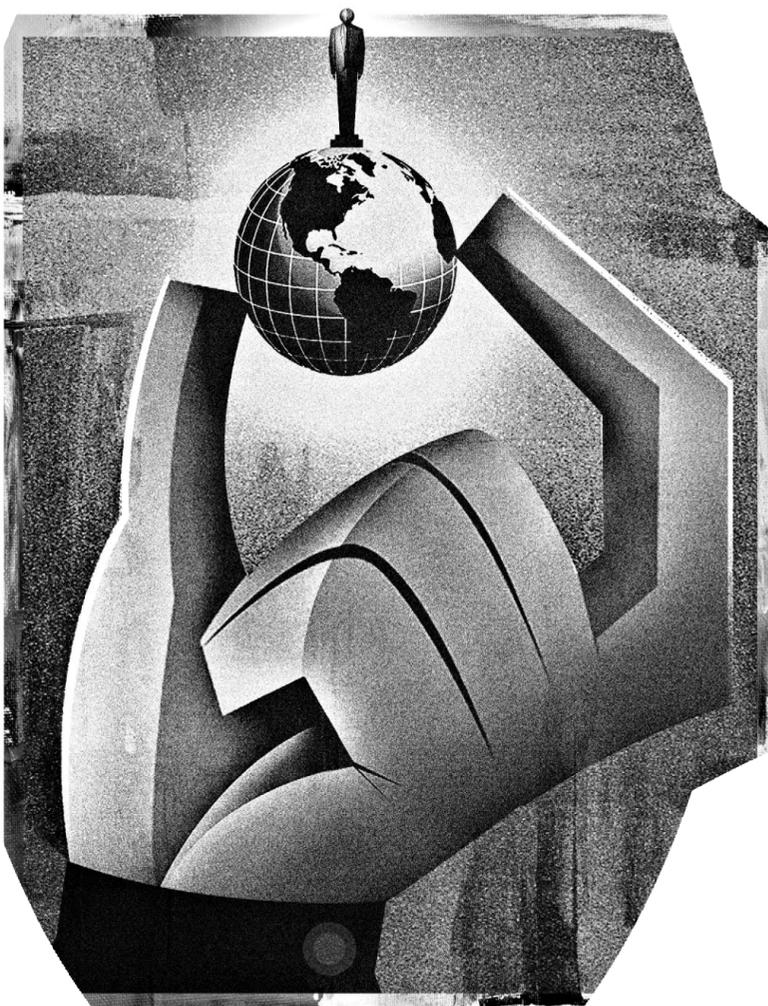


A eleitorcracia contra o mundo

» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)



Por muitos séculos, as tribos de seres humanos não percebiam que o mundo existia; cada grupo étnico se sentia único. Aos poucos, o mundo foi se transformando na soma-de-países diferentes que conviviam ou disputavam em guerras entre eles. O mundo passou a ser percebido maior do que cada país, mas suas populações não eram integradas.

Nas últimas décadas, o mundo ficou integrado econômica e culturalmente, diversas entidades foram sendo criadas para promover a cooperação entre países em fóruns internacionais. É muito recente a atual realidade em que cada país é um pedaço-do-mundo. A foto desse o espaço trouxe a percepção de que a Terra é um território unificado e com recursos limitados. O planeta deixou de ser apenas um conceito de astronomia e se transformou na casa de todos os humanos. As mudanças climáticas passaram a ser vividas em qualquer parte do globo, mostrando que a humanidade não é mais apenas um conceito filosófico. Pela primeira vez, os seres humanos perceberam que têm um destino comum que não respeita fronteiras nacionais. As migrações em massa mostram que a busca por sobrevivência não respeita as distâncias nem as fronteiras.

A Terra passou a ser uma casa e a humanidade, uma família, mas cada indivíduo se mantém ligado e fiel ao seu país. A política segue baseada nos interesses dos indivíduos organizados nos espaços nacionais e até regionais. Para o eleitor, o que interessa é qual será o melhor presidente para atender aos interesses de seu país nos próximos anos. No caso dos Estados Unidos, país decisivo no futuro do planeta e da humanidade, a eleição pode ser decidida pelos interesses dos eleitores do bairro de uma cidade, sem qualquer compromisso com o longo prazo do mundo.

O mundo ficou interligado, mas a democracia escolhe os dirigentes locais conforme as promessas dos candidatos para atender aos interesses da maioria dos indivíduos local e imediatamente. A democracia é, na verdade, uma eleitorcracia movendo os eleitores sem sentimento com a humanidade, sem compromisso com o resto do mundo, nem mesmo com povos que vivem em países vizinhos. Tampouco com os interesses da própria nação no longo prazo. Cada país é um pedaço-do-mundo, nenhum povo aceita decidir seu futuro com base em ser parte da humanidade, nem os de outro país, nem aqueles que ainda não nasceram no próprio país. Isso fica visível na aversão dos eleitores de cada país aos imigrantes, tanto os estrangeiros vindos de outros países quanto as gerações que ainda não nasceram. Sobretudo no momento em que a era da abundância deu lugar a uma era da escassez.

As eleições recentes nos Estados Unidos e na Europa mostram a visão míope da eleitorcracia. A fala e as atitudes dos candidatos, uns mais outros menos, têm de estar sintonizadas com os interesses dos eleitores para o presente em suas comunidades. O sonho nacional não foi substituído por um sonho humanista. A política segue vinculada ao tempo do mundo soma-de-países, e os candidatos são obrigados a fazer promessas colocando os desejos dos eleitores em primeiro lugar, sem considerar o suicídio implícito no longo prazo. Nos anos 1960, a corrida armamentista levou eleitores e eleitos dos Estados Unidos e da União Soviética a defenderem cada um deles, sabendo-se que, no longo prazo, se marchava para um suicídio da civilização. A catástrofe não ocorreu porque os governos tinham possibilidade de controlar o uso das bombas, mas nenhum presidente controla a ânsia de consumo e de ganância de cada cidadão, e o espírito tribal de proteger os privilégios que já dispõe contra os estrangeiros. Diferentemente da bomba atômica, a bomba

consumista é detonada por cada ser humano, controlando aos governantes pelo poder soberano do eleitor na eleitorcracia.

Os eleitores não escolhem o melhor presidente para fazer um mundo melhor no futuro, apenas o que melhora o seu ao redor nacional no imediato. A maioria dos eleitores não busca o melhor nem mesmo para o seu país como pedaço do mundo no longo prazo. A democracia não reflete o interesse do povo no futuro, apenas da maioria dos eleitores para hoje. Por isso, deveria ser chamada eleitorcracia.

Dificilmente a eleitorcracia vai definir regras nacionais para proteger o meio ambiente planetário no longo prazo. O emprego no presente pesa mais na decisão do eleitor do que o risco das catástrofes mundiais devido às mudanças climáticas. Por isso, os candidatos se aproximam na hora das propostas sobre imigrantes e meio ambiente. A eleitorcracia tem horror ao planeta, ao humanismo, ao futuro, aos estrangeiros, defende com lucidez os interesses imediatos e nacionais dos eleitores contra o resto do mundo.

Kamala pode plantar uma semente por mais equidade

» RACHEL QUINTILIANO
Jornalista e escritora

O assunto mais debatido com relação às eleições nos Estados Unidos é, sem dúvida, o impacto econômico e político de um possível retorno de Donald Trump à Casa Branca. Desde especulações esdrúxulas até análises seríssimas. Esse tem sido o assunto nos principais veículos de comunicação, nos espaços de articulação internacional e nas rodas de conversa em muitos lugares.

Muito tem se falado, também, sobre a importância do voto de pessoas imigrantes, negras, latinas e mulheres como um pêndulo que pode dar vantagem ou desvantagem para ele ou para a atual vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris. Diante de um cenário ainda indeciso, cujo dia principal deve ser hoje, é importante jogar luz na importância simbólica da candidatura de uma mulher autodeclarada negra para o cargo de presidente da maior potência mundial: os Estados Unidos.

Na primeira eleição de Barack Obama, em 2008, enquanto a imprensa dava as últimas notícias e se preparava para anunciar o então senador pelo estado de Illinois como o novo presidente eleito do país, em um diálogo sobre o assunto com a minha avó paterna, uma mulher negra, liderança em sua comunidade e analfabeta, rapidamente ouvi: "Agora haverá um presidente negro".

Antes de Obama, em muitos outros países, especialmente no continente africano, vários

outros homens negros já tinham sido eleitos e, em um ímpeto de arrogância juvenil tardia, trai de informá-la sobre o assunto. Fui corrigida imediatamente. "Eu sei disso, mas estou falando de um país poderoso, que determina muita coisa, inclusive aqui".

Alguns paradigmas foram quebrados diante de meus olhos naquele momento. O primeiro é que só pessoas letradas e bem-educadas na formalidade colonizadora podem ser consideradas intelectuais. O segundo que, afastadas as análises de tendência política e outras questões, sim, representatividade importa.

A eleição de Barack Obama naquele ano e, depois, a sua reeleição impactaram não só os Estados Unidos, mas obviamente contagiaram outros países, inclusive o Brasil, no sentido de uma maior representatividade negra em países democráticos, tanto para cargos no Executivo quanto no Legislativo. Não é à toa que, hoje, a vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris, é a primeira mulher negra a disputar as eleições para o cargo mais alto daquele país.

Com relação ao Brasil, infelizmente, não se pode fazer uma relação direta dessa possível influência porque os dados sobre raça/cor dos candidatos brasileiros pós-eleição de Obama não estão disponíveis no site do Superior Tribunal Eleitoral (STF), apesar de o quesito raça/cor ser aplicado em pesquisas nacionais desde o fim do século 18. Entretanto, nas eleições de

2014, no Brasil, as pessoas brancas representavam 54,96% dos candidatos, pretas 9,25%, pardas 35,1%, amarelas 0,46% e indígenas 0,32%. As pessoas do gênero feminino eram 31% e do masculino 69%.

Agora, em 2024, as mulheres foram 34% e os homens 66%. Pessoas brancas 46,83%, pretas 11,32%, pardas 40,3%, amarelas 0,39% e indígenas 0,56%. Isso indica, que apesar do avanço do racismo e do machismo que coloca determinados grupos em lugar de desvantagem, especialmente mulheres e pessoas negras no Brasil, a passos lentos, enxerga-se avanço.

A outra metade do copo pode ser observada, e, sem dúvida, isso tem relação com representatividade, tanto de Barack Obama quanto de Dilma Rousseff, primeira mulher no Palácio do Planalto, e com todas as mobilizações do movimento social negro e feminista, especialmente desde a redemocratização do Brasil.

Portanto, a despeito de Kamala Harris representar uma ideia de "novo" para os Estados Unidos ou de se tornar presidente, o fato de ela ser a primeira mulher, negra, descendente de imigrantes a disputar as eleições da maior potência mundial pode, sim, dar início a uma espiral ascendente de candidaturas femininas, negras ou "identitárias", como muitos gostam de dizer, mundo afora, o que, em outras palavras, pode significar o plantio de uma boa semente por mais equidade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Insubstituíveis

Não é de hoje que os seres humanos se apegam à falaciosa crença de que são insubstituíveis naquilo que realizam em suas funções e, até mesmo, como pessoas. A história, com seu moedor de carne, tem mostrado que isso é uma ilusão do tipo narcisista, deixando patente que nada nem ninguém é insubstituível. Geralmente, essa é uma crença alimentada pelos tiranos e por todos aqueles que não abrem mão do poder. Inculcar o medo, ameaçar e reprimir os cidadãos, fazendo-os crer que a ausência de certas lideranças trará de volta o dilúvio foi sempre a fórmula usada por ditadores daqui e de além mares. Basta atestar a forma velada dos discursos antes de eleições, em que os candidatos tentam distrair a população, destruindo a reputação do oponente. O candidato que não apresenta propostas concretas, plataformas críveis de ação sobre sua possível vitória na eleição, certamente, é aquele que nada fará pelos eleitores.

Na verdade, o que esses canastrões do mal temem é que o rolo compressor do futuro acabe por enterrá-los em cova rasa, isso sem antes reduzi-los a pó. A expressão *après moi, le déluge* (depois de mim, o dilúvio) tem sido usada com certa frequência, desde antes da Revolução Francesa pelos reis absolutistas inconformados com a aproximação dos tempos conturbados que se avizinhavam, pondo fim aos privilégios da nobreza e abrindo brechas para um novo modelo de gestão do Estado.

O tempo, como se sabe, não espera por ninguém, e não são poucos aqueles que perdem o tão falado trem da história, deixado só na estação, à mercê dos acontecimentos. A velha e carcomida oligarquia brasileira, apegada aos privilégios do poder e alçadas à condição de personas acima das leis, experimenta e fomenta essa sensação de imprescindibilidade como um recurso derradeiro.

Afirma conhecer o povo e suas debilidades, proclamando não as verdades, mas aquilo que as multidões parecem gostar de ouvir. As eleições, realmente livres e aferíveis, capazes de encurtar esse infinito caminho rumo ao pleno desenvolvimento, podem trazer surpresas em 2026. Partidos políticos, como a antiga Arena, PFL, PDS e, agora, o PSDB, que um dia foram proclamados como sendo as maiores lendas do país, hoje ocupam o rodapé da história e sequer são lembrados pela população.

Enquanto existirem, essas e outras lendas que se autointitulavam eternas e insubstituíveis, seus líderes acreditavam ter atingido o Olimpo e um status de intocáveis. Nenhum — lendas e líderes — foram perdoados pelo tempo. Tomando a coisa toda pelo seu caráter resumido, é certo que políticos têm vida pública menor até do que a dos cantores sertanejos.

A questão aqui é saber até quando a população alimentará o sentimento passivo de resignação e resiliência se deixando levar pelo engodo de que esses personagens são insubstituíveis, quando, no íntimo todos sabemos que isso é uma mentira.

» A frase que foi pronunciada:

“O cemitério está cheio de gente insubstituível.”

Dito popular

Até quando?

Basta a chuva chegar para o chão se abrir. Vários buracos que arrebentam rodas e pneus surpreendem motoristas e deixam a vida de motoqueiros seguradas por um fio. Com tantos impostos pagos, oferecer um asfalto decente nada mais é do que obrigação.

Brasil participativo

Novo Plano Nacional de Cultura está sendo desenhado a partir do portal do governo onde toda colaboração é bem-vinda. Veja os detalhes no blog do Ari Cunha.

Mãos dadas

Nascida junto com Brasília, a Casa do Pequeno Polegar está convidando a comunidade para apadrinhar a criançada. Por R\$180 a instituição providenciará material e alguns itens de uso pessoal que serão entregues na festa de Natal. Interessados é só ligar para 61 98667.7477

Mini superperigo

Morador de Florianópolis conta que os pernilongos por lá são bem diferentes dos que temos em Brasília. Não há os que não façam barulho. São bem mais lentos na fuga. Certo é que esses minúsculos insetos matam mais de 1 milhão de pessoas no mundo por ano!

» História de Brasília

O formgebung da OCA passou a trabalhar na obra da universidade e, enquanto preparavam o auditório, ele desenhava um assento de cadeira e, ao mesmo tempo, ia acompanhando a execução do projeto. (Publicada em 21/4/1962)